

## VI BIBLIOTECA ESCOLAR: REPENSANDO A LEITURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Rosimara de Jesus Santos<sup>12</sup>  
Iris Vanessa de Sousa Silva<sup>13</sup>

### RESUMO

O presente artigo discute o papel da biblioteca no contexto escolar, abordando sua trajetória, desafios e contribuições ao longo do tempo, com ênfase na atualidade. O objetivo é compreender como a biblioteca escolar tem atuado na promoção da leitura e nas práticas que visam incentivar a formação de leitores. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa bibliográfica, com levantamento realizado em sites de editoras, catálogos de bibliotecas e bases de dados acadêmicas. A análise permitiu evidenciar a importância da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem, especialmente por seu potencial em ampliar horizontes por meio do desenvolvimento de competências leitoras e da formação de sujeitos críticos e socialmente conscientes. Como fundamentação teórica, foram utilizados autores como Kleiman (2004), Barbosa (1994), Ribeiro (1994), More (1995) e Bordini (1993).

**Palavras-chave:** Leitura; Aprendizagem; Leitor; Biblioteca Escolar; Ensino-aprendizagem.

### ABSTRACT

This article discusses the role of the library in the school context, addressing its trajectory, challenges, and contributions over time, with an emphasis on the present. The aim is to understand how the school library has contributed to promoting reading and the practices designed to encourage the development of readers. The methodology adopted was a bibliographic review, with research conducted through publisher websites, library catalogs, and academic databases. The analysis highlighted the importance of the school library in the teaching-learning process, particularly due to its potential to broaden horizons through the development of reading skills and the formation of critical, socially aware individuals. The theoretical framework is based on the works of Kleiman (2004), Barbosa (1994), Ribeiro (1994), More (1995), and Bordini (1993).

<sup>12</sup>Graduada em Pedagogia. Professora prefeitura Municipal de Queimadas.

<sup>13</sup> Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (2015).

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais de Capim Grosso (FGC). Professora da Rede Estadual da Bahia no Ensino Médio e professora no curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências Educacionais de Capim Grosso - FCG. Pós-graduada no Curso de Especialização História: Cultura Urbana Local e Memória - UNEB Campus IV. Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cândido Mendes, Pesquisadora da temática de gênero, com ênfase na perspectiva de relações socioafetivas entre vítimas e acusados nos processos criminais de defloramento, estupro e sedução; movimentos de mulheres trabalhadoras rurais e urbanas; feminismo e relações de gênero. Membro fundadora e Patrona Perpétua da Academia Quixabeirense de Pedagogia, sendo também Patrona da Cadeira de Gênero e Direitos Humanos da referida Academia. Mestra em Estado, Gobierno y Políticas Públicas pela FLACSO Brasil (diploma reconhecido pela UFG, curso Ciências Políticas). Está vice-diretora do CETI Professora Terezinha Gonçalves Novais, em Quixabeira/BA.

**Keywords:** Reading; Learning; Reader; School Library; Teaching and Learning.

## 1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que a biblioteca escolar tem desempenhado um papel relevante na promoção de uma aprendizagem de qualidade. No entanto, a articulação entre a biblioteca escolar e o estímulo à leitura ainda precisa ser fortalecida, uma vez que a escola e a biblioteca são elementos fundamentais na formação do hábito de leitura e na constituição do leitor. Mesmo com suas limitações, a biblioteca configura-se como um espaço essencial para o desenvolvimento da leitura.

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a biblioteca escolar como espaço de incentivo à leitura. O interesse por essa temática surgiu a partir de uma intervenção realizada em uma escola do campo, na qual uma das dificuldades relatadas pela gestora foi justamente a ausência de uma biblioteca que incentivasse a leitura entre os educandos. Diante desse cenário, tornou-se pertinente investigar o papel da biblioteca escolar no processo de promoção da leitura.

A educação constitui um processo de formação para a vida em sociedade e, nesse percurso, a leitura amplia o universo de informações e saberes, possibilita o contato com o novo, e favorece o crescimento e o desenvolvimento intelectual do aluno. Nesse sentido, a biblioteca e a sala de aula são espaços complementares e essenciais na formação intelectual dos estudantes, pois descortinam novos horizontes. A leitura é, portanto, indispensável para a construção do conhecimento, sendo a biblioteca escolar um instrumento que pode impulsionar a formação de leitores.

Compreendendo a biblioteca como espaço de estímulo à leitura, este artigo tem como objetivo geral discutir o papel que ela desempenha nesse processo. Como objetivos específicos, propõe-se: apresentar um breve histórico da leitura e sua importância; compreender a função da biblioteca como incentivadora da leitura; e analisar os benefícios que a leitura traz para o desenvolvimento cognitivo dos usuários das bibliotecas escolares.

A biblioteca escolar e seu papel na leitura devem estar interligados, pois tanto a escola quanto a biblioteca têm a responsabilidade de fomentar práticas leitoras. Essa influência torna-se mais eficaz quando são oferecidas aos alunos atividades diversificadas de incentivo à leitura, como, por exemplo, a "hora do conto", que

desperta a imaginação das crianças, estimula a criatividade e favorece sua inserção no universo da leitura.

## **2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA: UMA TRAJETÓRIA SOBRE O ATO DE LER**

Há cerca de 40.000 anos, o homem já realizava pinturas nas paredes das cavernas, representando touros, bisões, renas e cavalos, prática conhecida como pictografia. Com o seu desenvolvimento, o ser humano passou a substituir as representações visuais por representações sonoras. Na Antiguidade, o conhecimento era transmitido oralmente; por isso, a arte da oratória era a base dos ensinamentos, sendo o diálogo o principal instrumento utilizado pelos mestres para instruir seus aprendizes.

Com o passar do tempo, devido às dificuldades de impressão e divulgação das obras escritas, o leitor era, muitas vezes, um ouvinte. Leitores e não leitores mantinham maior contato entre si, colaborando na ressignificação dos textos. Esses textos eram registrados em volumes e rolos de papiro, um dos primeiros suportes utilizados para conservar pensamentos escritos. A leitura, nesse período, era restrita a poucos privilegiados. Na Grécia Antiga, estava limitada aos filósofos e aristocratas; em Roma, passou a ser uma forma de garantir aos patrícios o direito à propriedade.

Durante um longo período, a leitura permaneceu atrelada à esfera clerical. No entanto, com o crescimento das atividades comerciais e manufatureiras, que impulsionaram o desenvolvimento das zonas urbanas, a Igreja começou a perder gradualmente o controle sobre o conhecimento. O avanço econômico e social aumentou a necessidade de inclusão da população nos processos de ensino da leitura e da escrita.

A história da leitura está associada ao surgimento da escrita, quando o homem aprendeu a utilizar o código escrito. Já a história do leitor começou a ganhar força com a expansão da imprensa. A função do livro era a conservação dos textos, os quais ficavam fixados em suportes físicos com o intuito de serem rememorados, uma vez que ainda serviam à cultura oral. Conforme Martins (2005, p. 30), “o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como um acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido”.

Ler é uma das competências mais importantes a ser desenvolvida junto ao aluno. Não basta identificar palavras: é preciso atribuir-lhes sentido, compreendê-las, interpretá-las, estabelecer relações e reter o que for mais relevante.

O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer a mente uma informação necessária, aplicar alguns conhecimentos a uma situação nova o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer o sentido do texto (Kleiman, 1996, p. 13).

A leitura propriamente dita significava ler em voz alta as formas grafadas no papel. O leitor era, antes de tudo, um ouvinte. As práticas mais comuns de leitura eram as recitações em público por profissionais da leitura, e assim o público tomava conhecimento das obras produzidas naquela época.

Conforme Barbosa (1994, p. 99), na Antiguidade e na Idade Média, concebia-se a leitura e a escrita como um ato realizado em voz alta, através da subvocalização, ou até mesmo da vocalização da escrita. Era inconcebível ler sem apelar para o som da escrita. Dessa forma, a leitura em voz alta era o meio pelo qual leitores e não leitores se encontravam para reconstruir o sentido geral do texto, contribuindo para o crescimento do material escrito e, conseqüentemente, dos espaços para leitura, como as bibliotecas.

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; trata-se de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular ao homem: sua capacidade de interação com o outro por meio das palavras, que estão sempre submetidas a um contexto. A recepção de um texto nunca pode ser entendida como um ato passivo, pois quem escreve o faz pressupondo o outro. Assim, a interação entre leitor e texto está presente desde o início da construção do texto.

Para tratarmos da leitura fora da escola e fora da área específica de língua portuguesa e literatura brasileira, é interessante começarmos pela caracterização da pedagogia tradicional da leitura. Pode-se afirmar que o ato de ler, no modelo tradicional escolar, caracteriza-se principalmente pelo seu caráter reprodutor.

Nesse contexto, considerava-se bom leitor aquele aluno que conseguia reproduzir para o professor o conteúdo do trabalho didático. A avaliação da compreensão de leitura limitava-se à capacidade de captar informações explícitas na superfície do texto, o que se deve às concepções de língua, texto e leitura subjacentes à prática pedagógica. Concebia-se a língua como um código

transparente e exterior ao indivíduo, o texto como mera soma de palavras e frases, e a leitura como busca ou confirmação de um sentido preestabelecido.

A leitura era sistematicamente submetida às rotinas padronizadas dentro da escola, e isso fazia com que perdesse seu sentido mais profundo. Em última instância, a leitura escolar acabava sendo fator decisivo e determinante do fracasso escolar. Quanto aos objetos de leitura, essas rotinas descaracterizavam o trabalho, a revista e demais materiais que circulavam na vida social. Cortado, adaptado, xerocado, o texto, enquanto objeto sociocultural, se transfigurava.

Todavia, com o passar dos anos, uma nova concepção de leitura surgiu no meio educativo, e no período contemporâneo este é o caminho mais viável para o desenvolvimento intelectual e cultural da cidadania. Observa-se, contudo, que quando se fala em leitura, os educadores ainda encontram grande dificuldade para desenvolver essa prática, em grande parte por terem sido formados numa educação que não priorizava a leitura.

Diante disso, a leitura ganha novos significados, sobretudo na forma de conduzir tais processos. O ato de ler traz inúmeros benefícios, pois aquele que o pratica, além de decodificar, constrói sentido, adquire conhecimentos, desenvolve o raciocínio e participa efetivamente do meio social em que está inserido. A escola precisa desempenhar seu papel nesse processo, como afirma Silva (2008, p. 09).

A aprendizagem e o aprimoramento da leitura têm relação direta com a qualidade do trabalho escolar. Ainda que a escola não possa garantir a formação integral e definitiva dos leitores, cabe a ela a responsabilidade de inserir formalmente as crianças no universo da escrita — manuscrita, impressa e virtual — por meio da alfabetização e do letramento. Não é à toa que, para muitas famílias, matricular um filho na escola significa, antes de tudo, torná-lo capaz de ler, escrever e contar.

Dessa forma, um leitor iniciante precisa conhecer as convenções da escrita, pois, desde as séries iniciais, ele não é apenas um decifrador de sinais, mas aquele que se coloca como coautor do texto, travando um diálogo com o escritor, sendo capaz de construir o universo textual e produtivo na medida em que refaz o percurso do autor, instituindo-se como sujeito do processo de leitura.

Nessa concepção, o leitor dialoga com o autor e a leitura torna-se uma atividade social de alcance político. Ao permitir a interação entre os indivíduos, a leitura não pode ser compreendida apenas como decodificação de símbolos

gráficos, mas como leitura do mundo, que deve formar sujeitos capazes de compreendê-lo e nele atuar como cidadãos.

Sob essa perspectiva, o exercício da leitura transcende os muros escolares, sendo necessário que professores e alunos assumam o processo de aquisição e uso da leitura como algo prazeroso, capaz de despertar no leitor o desejo constante de ler. Para isso, as atividades desenvolvidas para tal fim devem ser carregadas de significado e ludicidade.

Quando o indivíduo pratica a leitura, conquista autonomia, amplia horizontes, aprende a ler o mundo, sente-se sujeito de sua aprendizagem e reescreve o mundo ao seu redor, visto que o ato de escrever é tão importante quanto o ato de ler. Ambos se completam, pois a leitura nos faz conhecer o mundo e a escrita nos faz relacionar com ele. Não basta apenas conhecê-lo; é preciso estar em contato direto e interagir. A escrita faz com que percebamos o mundo de forma mais organizada. Não aprendemos apenas quando lemos, mas também quando escrevemos, pois é no ato de escrever que temos a oportunidade de relacionar tudo que já vimos, lido e vivido.

Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta (Martins, 2006, p. 34).

Neste processo, podemos considerar que ler não se restringe apenas a passar os olhos sobre o texto ou a oralizar a palavra escrita. Ler é essencial para testarmos nossos próprios valores e as experiências vivenciadas com outros indivíduos. Ao final de cada leitura, ficamos enriquecidos com as novas experiências adquiridas naquele ato: novas ideias, novas pessoas. Eventualmente, passamos a conhecer melhor a nós mesmos e a realidade que nos cerca.

É necessário encarar o leitor como atribuidor de significados, levando em conta a interferência da bagagem cultural do receptor no processo de decodificação e interpretação da mensagem. Assim, no momento da leitura, o leitor interpreta o signo a partir da influência de todas as suas experiências com o mundo, ou seja, sua memória cultural direciona as decodificações futuras. Todavia, para a formação desse leitor crítico, é fundamental que haja estímulo contínuo para o contato do indivíduo com o trabalho.

Tradicionalmente, na instituição escolar, era comum ler para aprender a ler, enquanto, no cotidiano, a leitura é regida por outros objetivos que modificam o comportamento do leitor e sua atitude diante do texto. No dia a dia, uma pessoa pode ler para agir — ao ler uma placa; para sentir prazer — ao ler um gibi ou um romance; ou para informar-se — ao ler uma notícia de jornal. Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diversos que modificam a ação do leitor diante do texto. São essas práticas sociais que precisam ser vividas em nossas salas de aula.

Assim, ler é produzir sentido, é estar contextualizado no texto, interpretando-o e atribuindo-lhe significado. Portanto, torna-se importante criar situações diversificadas para que o exercício da leitura e da escrita provoque reações, interação, e a construção da subjetividade e do conhecimento, não servindo apenas como atividade meramente de cópia ou decodificação. Por isso, é necessário afirmar que a leitura e a escrita são componentes dinâmicos, vinculados a um contexto social que não pode ser reduzido a um aprendizado técnico-linguístico, nem entendido como fato neutro, linear e fragmentado, resultante de palavras e frases desconexas e sem sentido.

O ato de ler vai além da mera visualização ocular das palavras. É um processo complexo e interativo entre leitor, escritor e texto lido, sendo necessário que a escola capacite seus educandos a ler além do escrito, situando-se como sujeitos que pensam, sentem e dialogam, conforme ressalta Lajolo, citado por Geraldi (2006, p. 91).

Ler não é decifrar. Como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, de entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Ler é produzir sentido ao produzir; é estar contextualizado no texto, mantendo uma relação recíproca por meio da criação da escrita, envolvendo um redimensionamento de todo o trabalho educativo que abrange: ousadia, seleção de materiais variados, espaço para socialização, respeito às opiniões divergentes e, enfim, novas propostas pedagógicas pautadas em leituras críticas e diversificadas. Por isso, a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e está

intimamente ligada a um processo cognitivo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto.

A leitura é um processo de interação entre leitor e texto. Para ler, é necessário dominar habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que conduzem à compreensão. Conforme destaca Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra (2003, p. 11).

A concepção contemporânea de leitura entende o leitor como condutor do texto, interpretando-o conforme seu momento, estabelecendo intertextualidade e favorecendo um trabalho rico com a linguagem. A leitura deve deixar de ser uma obrigação escolar para tornar-se um ato prazeroso. Para isso, é fundamental que o educando tenha contato com livros desde os primeiros anos de vida, de modo a perceber o livro como um mundo da escrita, interagindo dinamicamente, trocando e ampliando informações sobre seu próprio mundo. Cada educando é sujeito participante do processo social.

Leitura é uma atividade importante em qualquer área do conhecimento e mais essencialmente ainda a própria vida do ser humano. Ler é, em última instância, não só uma ponte para tomada de consciência, mais também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. A escola é uma instituição formal que o objetivo facilitar a aprendizagem não só do falar e ouvir, mas principalmente do escrever e ler (Ferreiro, 1999, p. 33).

Na sala de aula, a leitura serve não apenas para aprender a ler, mas também para adquirir outros conhecimentos por meio da leitura. Além disso, ela é utilizada para ensinar e treinar a pronúncia dos alunos, tanto no dialeto padrão quanto em outras variações linguísticas. A leitura também é uma forma de aprender a escrever e compreender a forma ortográfica correta das palavras. Para alcançar esses objetivos, é necessário planejar atividades que possibilitem a realização efetiva das intenções propostas.

A missão da escola é despertar o prazer pela leitura, visando formar bons leitores. Para isso, é preciso mobilizar os estudantes internamente, pois aprender a ler exige esforço. É fundamental que eles compreendam que a leitura proporciona autonomia e independência.

## **2.1 O papel da biblioteca como incentivo à leitura**

Para Souza, Cavalcante e Bernadino (2009, p. 2),



A escola tem papel fundamental nesse contexto. É ela, o primeiro espaço legitimado de produção da leitura e da escrita de forma consciente. E é ela, a responsabilidade de promover, estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor despertando-lhe interesse, aptidão e competência. Nesse sentido, a escola deverá contar com uma forte aliada a biblioteca.

No entanto, a biblioteca escolar possui a missão de contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Essa contribuição pode ser dividida em duas categorias principais: a educativa e a cultural (Ribeiro, 1994, p. 61). A função educativa consiste em fortalecer o desenvolvimento intelectual do aluno, auxiliando-o no estudo independente e proporcionando um mergulho no universo do conhecimento, além de apoiar o educador no enriquecimento do planejamento curricular (Ribeiro, 1994).

Quanto à função cultural, a biblioteca contribui para a educação formal ao oferecer aos estudantes e à comunidade escolar diversas opções de leitura, proporcionando ao leitor a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e sua compreensão sobre o mundo. De acordo com Ribeiro (1994, p. 61), nessas categorias estão definidas as principais contribuições da biblioteca escolar enquanto instituição, destacadas a seguir.

- a) Cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar;
- b) Estimular e orientar a comunidade escolar em suas consultas e leituras, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar;
- c) Incentivar os educandos a pensar de forma crítica reflexiva, analítica e criadora, orientados por equipe inter-relacionada;
- d) Proporcionar aos leitores materiais diversos e serviços bibliotecários adequados ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento individual e coletivo;
- e) Promover a interação educador-bibliotecário-aluno, facilitando o processo ensino-aprendizagem;
- f) Oferecer um mecanismo para a democratização da educação, permitindo o acesso de um maior número de crianças e jovens a materiais educativos e, através disso, dar oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atividades individuais;
- g) Contribuir para que o educador amplie sua percepção dos problemas educacionais, oferecendo-lhe informações que o ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los, tendo como ponto de partida valores éticos e cidadãos (Ribeiro, 1994, p. 61).

O conceito de biblioteca escolar está presente no Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares, que afirma que a biblioteca escolar proporciona informações e ideias fundamentais para o sucesso na sociedade atual, baseada na

informação e no conhecimento. Ela deve capacitar os estudantes para o aprendizado ao longo da vida, desenvolver a imaginação e prepará-los para viver como cidadãos responsáveis.

Assim, a biblioteca escolar é parte integral do processo educativo e essencial a qualquer estratégia de longo prazo voltada para o desenvolvimento social, cultural e econômico. O Manifesto destaca, ainda, alguns objetivos da biblioteca escolar, entre os quais o pleno desenvolvimento de pessoas críticas e conscientes de seu “estar no mundo”, além de ressaltar seu papel fundamental no desenvolvimento do trabalho pedagógico e das estratégias educacionais escolares (Manifesto IFLA/UNESCO, 2000).

Percebe-se, portanto, que a biblioteca escolar desempenha um papel relevante na oferta de uma aprendizagem de qualidade aos educandos. Segundo More (1995), a biblioteca é rica no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, pois, ao ser solicitada para buscar o conhecimento, o educando tem à sua disposição uma oportunidade de adquirir habilidades, desenvolvendo a metacognição, entre outras competências. No que se refere às ações cognitivas, More (1995) destaca algumas, tais como: refletir, elaborar hipóteses, argumentar, pesquisar, investigar, compreender, decifrar, discorrer, elencar, conferir e analisar.

Longe de construir mero depósito de livros, a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. O bibliotecário trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das ideias e da informação (Fragoso, 1991, p. 37).

Parte da humanidade ainda mantém a concepção de que a biblioteca é apenas um conjunto de livros, um espaço de pouca representatividade dentro de uma instituição acadêmica. Contudo, para cumprir seu papel, a biblioteca precisa ser fundamental na vida acadêmica e cultural da instituição escolar, sendo sensível às necessidades da comunidade em que está inserida. Seu principal objetivo é incentivar os alunos ao ato de ler.

Na vida acadêmica, o aluno aprimora suas experiências com a leitura, e a escola deve proporcionar um ambiente que permita ao estudante “viajar” no mundo da leitura, oferecendo diversas oportunidades e suportes variados para a prática leitora. Mesmo após o domínio das habilidades escolares, a pessoa continua a

dependem da leitura para obter informações nas mais diversas áreas, como economia, política, esportes, ciência e entretenimento (Alliende; Condemarin, 2005).

A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas à disposição de estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve ser incentivado a investigar, e a biblioteca funciona como fonte essencial de pesquisa, equiparando-se a um laboratório. O desejo de descobrir o que há nos livros geralmente nasce nas crianças, e a escola deve cultivá-lo, utilizando os espaços da biblioteca para esse fim (Silveira, 1996).

Na biblioteca, diversas atividades podem ser realizadas para estimular a leitura entre os alunos, podendo ser organizadas por professores, bibliotecários ou em parceria entre ambos. Existem várias práticas relacionadas à leitura, como oficinas, saraus, narrações de histórias, recitais de poesia, leitura em voz alta, encontros com autores e ilustradores, além de leituras orientadas. A atividade que mais chama a atenção dos alunos, especialmente das crianças, é a hora do conto, pois elas ficam fascinadas pelas histórias narradas, bem como pelos gestos e movimentos realizados durante a contação.

As atividades de contação de histórias oferecem aos alunos momentos prazerosos, chamando a atenção para o interesse de novas leituras, além de proporcionar uma ocupação sadia das horas vagas, enriquecimento do vocabulário, facilidade de expressar, aperfeiçoamento da linguagem e da capacidade de atenção, adquirindo novos conhecimentos e orientação do pensamento (Souza, Cavalcante e Bernadino, 2009, p. 04).

A referida atividade pode ser complementada por outras associadas, como artes, teatro e brincadeiras, que despertam maior atenção e participação dos alunos. O responsável pela narração das histórias deve lê-las com entusiasmo e dedicação, sabendo se colocar no lugar de cada personagem. Pode utilizar gestos para dramatizar e recorrer a recursos como fantoches, bonecos, figuras e sons, que facilitam a contação.

A grande importância da leitura de histórias para as crianças decorre do fato de que essa atividade envolve não apenas a leitura, mas também a linguagem, a expressão, o raciocínio, os movimentos corporais e a criatividade do contador. Existem várias maneiras de se ler uma história, e isso depende muito da imaginação de cada narrador. De acordo com Barcellos e Neves (1995 apud Hillesheim; Fachin,

2004, p. 3), a hora do conto é o principal meio de estímulo à leitura na biblioteca, pois oferece às crianças a oportunidade de:

- 1) Estabelecer uma ligação entre fantasia e realidade;
  - 2) Sentir-se instigada para procurar soluções para problemas apontados ou vivenciados pelos personagens;
  - 3) Ler por prazer;
  - 4) Desenvolver o gosto e/ou habilidades artísticas;
  - 5) Desenvolver a imaginação e a criatividade;
  - 6) Ampliar suas experiências e o conhecimento do mundo que o cerca;
  - 7) Desenvolver a capacidade de dar sequência lógica aos fatos
- (Barcellos e Neves, 1995 *apud* Hillesheim; Fachin, 2004, p. 3).

A hora do conto pode ser uma atividade associada a filmes e histórias conhecidas da população infantojuvenil, motivando as crianças a lerem suas próprias histórias nos livros, sem a interferência direta do professor. Isso promove o desenvolvimento autônomo do aluno em relação à leitura (Vallejo; Ribeiro, 2012).

Na biblioteca escolar, outras atividades que envolvem a leitura também podem ser realizadas, como o teatro, em que são feitas dramatizações dos personagens das histórias, com os próprios alunos atuando como atores. Outro recurso bastante útil é a música, que capta muito a atenção dos alunos. Existem várias canções que narram histórias da literatura infantojuvenil, as quais podem ser ouvidas ou interpretadas por todos, promovendo ampla participação.

As atividades de leitura na biblioteca escolar podem ser organizadas em datas comemorativas, como a Semana do Livro, do Folclore, do Dia dos Animais, entre outras. Nesses momentos, os alunos costumam realizar produções textuais, pinturas e desenhos relacionados aos livros que mais gostam de ler. Ao final da semana, todos os trabalhos podem ser expostos para apreciação da comunidade escolar.

## **2.2 Os benefícios da Leitura**

Segundo Bordini (1993, p. 18), o primeiro passo para a formação da leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que suscitem questões significativas para ele. Reforçando essa perspectiva, é importante que os professores utilizem bons materiais com os futuros leitores, incentivando-os a adquirir o hábito da leitura. Dessa forma, o processo de leitura será construído a partir da interação com diferentes tipos de textos, especialmente aqueles que sejam significativos para as crianças.

Social e culturalmente, a pessoa alfabetizada não é a mesma que era quando analfabeta. Ela passa a ocupar outra condição social e cultural, não apenas mudando de nível ou classe, mas transformando seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura e sua relação com os outros. Nesse sentido, sua interação com o contexto e com os bens culturais torna-se distinta.

Ler é algo mais criador do que simplesmente ou ingenuamente passear sobre as palavras. Leio tanto, mas é melhor quanto inteirando-me da substantividade do que leio, me vou tornando capaz de reescrever o lido, á minha maneira, e de escrever o por mim ainda não escrito. Não é possível dicotomizar ler de escrever (Freire, 2003, p. 72).

A prática da leitura é um dos pontos a ser recuperados pelos professores. É muito importante que estes profissionais saibam que sem uma melhoria no ato de ler, e conseqüentemente, sem evolução na prática pedagógica, a tendência é levar o aluno ao tédio.

Quem lê vai oxigenando a mente com novos paradigmas, pois consegue ver com novos olhares as situações, os problemas que a cada dia vão se apresentando. E assim sendo, terá condições de evoluir, encontrando tanto para si como para os outros, propostas inteligentes para reconstrução das práticas. É preciso formar o professor investigador e reflexivo e não só os alunos. É impossível sensibilizar os alunos para a leitura (Hengemuhle, 2004, p. 136).

O professor é, por natureza da profissão, um pesquisador; caso este não se prepare para tamanha responsabilidade, contribuirá para a manutenção da realidade, ou seja, para o fracasso na aquisição da leitura. O processo de leitura deve ser permanentemente exercitado com continuidade, pois somente com a prática o leitor torna-se crítico. A leitura é importante porque transforma o aluno de leitor passivo em leitor sujeito. Só por meio dessa ação ele será capaz de construir sua própria leitura e analisar sua visão de mundo.

A leitura constitui um dos avanços na busca pelo conhecimento sistemático e aprofundado. Contudo, devido à falta de desenvolvimento do hábito da leitura, encontram-se diversas dificuldades nesse contexto, o que causa preocupação, já que a leitura assume destaque no processo de aprendizagem. É por meio dela que o aluno desperta para a interpretação dos fatos e se sente estimulado a desenvolver a aprendizagem, visto que a leitura amadurece o intelecto.

Ao fazer uma retrospectiva histórica, identificam-se elementos que associam o desenvolvimento da leitura a uma prática que transcende os livros, documentos ou

registros, inserindo-se no contexto vivido. É verdade que as dificuldades apresentadas na aprendizagem ganham uma nova dimensão a partir do momento em que se identificam bloqueios relacionados à leitura, evidenciando uma deficiência no desenvolvimento da leitura como prática escolar.

A falta de leitura é um problema que acarreta sérias dificuldades para a vida de todos os cidadãos, pois todo desenvolvimento da cidadania depende de uma boa qualidade educacional. Conseqüentemente, a leitura é um fator fundamental para a elevada qualificação da educação.

A leitura é uma atividade de cunho social, pois envolve indivíduos que frequentam outros meios sociais além dos muros escolares. Trata-se de uma atividade interativa, voltada à construção de sentidos gerados na interlocução leitor-texto-autor, por meio do cruzamento das várias informações presentes no texto com os conhecimentos prévios do leitor. Além disso, a leitura deve ser concebida como uma ação que precisa ser ensinada e aprendida a partir de estratégias explicitadas ao leitor iniciante por um adulto leitor, cabendo a este incentivar as múltiplas leituras que o sujeito aprendiz deve realizar.

É importante lembrar que, desde outrora, ler significou possuir bases para uma educação adequada para a vida, não apenas para desenvolver capacidades intelectuais, mas também para garantir o acesso dos cidadãos à sociedade e sua integração nela, ainda que esses direitos fossem privilégios de poucos. Ler, na atualidade, é também libertar-se do autoritarismo e das injustiças sociais, já que é por meio da leitura do mundo que o indivíduo pode situar-se no mundo letrado.

Todavia, sabemos que a leitura exigida na escola ainda é insuficiente para capacitar os indivíduos a praticar outras leituras fora do ambiente escolar, uma vez que esse processo ainda ocorre de forma simplificada e não exige do sujeito aprendiz uma interação mais profunda com o que lê, sendo que apenas uma pequena parcela da população encontra-se apta para tal prática.

Ainda que tantos séculos tenham transcorrido, hoje, apenas um em cada quatro brasileiro entre 15 e 64 anos está apto a ler, enquanto os 75% restantes são analfabetos absolutos ou funcionais, que mal escrevem o próprio nome, tem dificuldade para compreender textos mais complexos que um simples bilhete [...] (Silva, 2008, p. 11).

Neste contexto, a grande tarefa da escola hoje é romper com o ensino fragmentado da língua, principalmente na era da globalização, em que os desafios

advindos dessa nova ordem social exigem cada vez mais pessoas capacitadas a exercer diversas funções na sociedade em que estejam inseridas. À medida que a escola deixa de cumprir seu papel, compromete a inserção do indivíduo na sociedade, dificultando que ele se torne um sujeito pleno e cidadão.

Assim, a grande missão do ensino da leitura é promover o conhecimento do aluno por meio de práticas escolares de cunho educativo que tenham como foco a promoção da cidadania, em que o ato de ensinar se baseie na lógica e nos mecanismos de desalienação deste mundo fragmentado em que vivemos. Por isso, afirmamos que a leitura, quando praticada com criticidade, pode abolir o poder do dominante sobre o dominado, pois é um dos principais meios para desenvolver a criticidade de quem aprende.

Esse é um exemplo do que pode ocorrer com quem tem contato com o conhecimento. Transformação esta que não acontece de imediato, nem de forma uniforme. Trata-se de um processo, e, como tal, é variável. Especificamente na educação formal, esse processo tem a finalidade de ampliar a autoconsciência humana, a qual pode levar anos para ser plenamente desenvolvida.

Dessa forma, o único limite para a ampliação da leitura é a capacidade de imaginação do leitor, uma vez que ele tem o dever e o poder de construir as imagens acerca do que está lendo. O livro é um objeto inserido nesse contexto: tem autoria, propósito, um tempo e um espaço delimitados — tanto de criação quanto de circulação. Conhecer o autor e sua época, bem como as condições de produção do texto, ajuda a inferir sobre outros tempos e espaços. Um exercício interessante é comparar textos literários que abordem a mesma temática, mesmo local ou épocas diferentes, ou até textos oriundos de culturas distintas sobre o mesmo tema.

Enfim, a importância do ato de ler implica a percepção crítica do escrito, do lido e do observado. É esse conjunto de situações concretas que possibilita ao homem realizar uma leitura crítica do mundo, para além da palavra e de seus processos. É a partir desse contexto que podemos refletir sobre o leitor e as dimensões de sua prática cotidiana, pois ler é, acima de tudo, compreender. Como afirma Freire (2003, p. 22):

*“A compreensão crítica envolve a compreensão igualmente crítica da leitura [...]”*

Partindo do pressuposto de que a leitura é um processo que possibilita ao leitor construir significados de forma ativa, conceituamos esse mecanismo desafiador, pois exige do sujeito aprendiz a compreensão e a inserção no mundo

letrado, enriquecendo suas próprias ideias e experiências intelectuais. A leitura desafia a necessidade de compreensão e interação com o mundo, enriquecendo pessoalmente quem lê e, conseqüentemente, promovendo sua transformação.

O desenvolvimento da leitura é fundamental para a prática de inúmeras atividades nos diversos contextos em que o indivíduo está inserido ou mantém relações. A leitura deve, a princípio, ampliar o universo de conhecimento do leitor, sendo este o momento propício para a incorporação de novos saberes, uma vez que é por meio dela que o indivíduo assimila ideias, conceitos e informações acerca das coisas, das pessoas, dos fatos, do mundo e de tudo que o cerca.

O gosto pela leitura deve ser iniciado na sala de aula, porém a realidade é outra, pois, na maioria das vezes, ocorre o oposto: é na escola que a criança toma aversão a esse processo, desprezando-o. Esse distanciamento pode ser provocado pela falta de incentivo à leitura no ensino, pelo uso inadequado do material didático, que muitas vezes exige dos estudantes apenas a leitura para a aplicação de exercícios, análise sintática ou cumprimento do programa escolar.

Sendo assim, um dos grandes desafios enfrentados pelo professor para estimular o gosto pela leitura em sala é promover aulas dinâmicas e imbuídas de significados, capazes de despertar no sujeito aprendiz o verdadeiro sentido do que ele lê.

### **3 METODOLOGIA**

Compreendendo que a leitura é uma poderosa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, este trabalho partiu do problema inicialmente citado: como a biblioteca escolar tem cumprido seu papel de incentivo à leitura. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de uma abordagem qualitativa, baseada em um estudo a partir de dados e resultados que possibilitaram uma análise de interesse científico e relevância social.

Denzin e Lincoln (2006) afirmam que a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os fenômenos em seus contextos naturais, buscando compreender os significados atribuídos pelas pessoas a esses fenômenos. O tipo de pesquisa adotado neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que se fundamenta no estudo de teorias com o intuito de sustentar e comprovar as análises realizadas.



Segundo Gil (2002), a revisão bibliográfica consiste na leitura, análise e interpretação de material impresso, tais como livros, documentos, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros. Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (1992), a revisão bibliográfica corresponde ao levantamento de toda a bibliografia já publicada, seja em livros, revistas ou publicações avulsas e impressas. Para a realização de uma pesquisa bibliográfica, é necessário seguir algumas etapas, que incluem:

- 1) seleção do tema;
- 2) coleta de dados;
- 3) extensa leitura com o objetivo de selecionar informações verídicas;
- 4) análise crítica;
- 5) redação do trabalho;
- 6) e, por fim, a referência do material estudado.

A revisão bibliográfica é uma prática comum e fundamental no meio acadêmico, especialmente para estudantes, pois oferece uma base teórica sólida para a realização de estudos investigativos, possibilitando a formulação de conclusões próprias sustentadas em fundamentações teóricas consistentes.

A pesquisa bibliográfica busca resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisado e discutido as várias contribuições científicas esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (Boccatto, 2006, p. 266).

Dessa forma, este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, que consistiu na revisão da literatura relacionada à temática abordada. Para tanto, foram utilizadas diversas fontes, incluindo livros, periódicos, artigos, sites da internet, entre outras. De acordo com Marconi e Lakatos (2009), o objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com todo o material publicado sobre determinado assunto, seja ele escrito, falado ou filmado, abrangendo inclusive conferências com debates, desde que tenham sido transcritos, publicados ou gravados de alguma forma. Assim, buscou-se em variadas fontes e autores um embasamento teórico consistente acerca da relação entre a biblioteca escolar e seu papel como incentivadora da leitura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise abrangente desenvolvida ao longo deste trabalho, tornou-se evidente que a temática do incentivo à leitura escolar revela-se consideravelmente mais complexa do que comumente se pressupõe. O uso estratégico do espaço da biblioteca como ambiente propício para fomentar o hábito da leitura desponta como uma abordagem promissora para ampliar o contingente de leitores nas instituições escolares. No entanto, essa potencialidade depende diretamente da capacidade de se mobilizar e administrar, de forma criteriosa e eficaz, os recursos e instrumentos disponíveis, garantindo que a biblioteca transcenda seu papel meramente físico para tornar-se um centro dinâmico de interação e apropriação cultural.

A importância da leitura para a formação integral do indivíduo não é novidade. Contudo, apesar do reconhecimento desse papel, diversos problemas persistem. Muitos, especialmente a maioria dos brasileiros, demonstram pouco interesse pela leitura, frequentemente por considerá-la uma atividade enfadonha. Observa-se que a leitura ocupa um lugar secundário na vida de grande parte das pessoas, provavelmente em razão da ausência do hábito desde a infância. Além disso, nota-se uma redução significativa no número de leitores nas escolas públicas.

Pode-se concluir com segurança que a infância é o período mais propício para incentivar e consolidar o hábito da leitura, pois é nessa fase que as crianças constroem suas rotinas e preferências. Se desde cedo forem estimuladas a apreciar os livros, há grande probabilidade de se tornarem leitoras assíduas. Por isso, é fundamental que todas as escolas possuam bibliotecas, garantindo o contato das crianças com diferentes obras, mesmo que ainda não saibam ler.

A biblioteca escolar é o ambiente mais apropriado para despertar o interesse pela leitura em crianças e adolescentes, visto que esse espaço faz parte do cotidiano escolar e está presente na vida educacional dos estudantes. Infelizmente, muitas escolas não utilizam suas bibliotecas de forma adequada e adaptada para promover a leitura.

Para cumprir seu papel, a biblioteca escolar deve estar estruturada de acordo com a faixa etária dos seus frequentadores. É fundamental que seja organizada, com um espaço amplo e acolhedor, onde os leitores se sintam confortáveis para ler,

estudar e pesquisar. Além disso, deve contar com um acervo diversificado, que atenda às necessidades e interesses do público local.

O propósito da biblioteca é promover a leitura e servir como fonte de pesquisa. A leitura pode ocorrer sem biblioteca, mas o contrário não é verdadeiro: uma biblioteca sem leitores perde seu sentido, tornando-se um corpo sem alma, desprovida de utilidade.

Portanto, a partir das análises bibliográficas, constatou-se que a biblioteca escolar é um espaço fundamental para desenvolver o hábito e o gosto pela leitura entre os alunos. Com um acervo variado, que inclua obras em diferentes suportes e literatura infantil, e com a realização de atividades recreativas envolvendo a leitura, é possível que o hábito se estabeleça de forma espontânea.

Dessa forma, as diversas concepções acerca da biblioteca escolar evidenciam sua importância no contexto educacional, tornando-a essencial para o educando desde o ingresso na escola até a conclusão do ensino médio.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: 2ª ed. Cortez, 1994.

BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. **O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional**. Revista CRB-8 Digital, São Paulo, v.1 n. 2. P. 04- 10. out. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Língua Portuguesa). 2. Ed. Brasília: MEC/ secretaria de Educação Fundamental, 2000.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura a formação do leitor**. Alternativas Metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Brique de Lemos/ livros, 2007.

FRAGOSO, Graça Maria. **Biblioteca escolar: que espaço é esse?** 2009. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14051114-BibliotecaEscolar.pdf>>. Acesso em 15 maio 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. **Biblioteca escolar e leitura**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.8 .n.9 . p. 01-11. 2003/2004.

IFLA/UNESCO. **As diretrizes da IFLA/UNESCO** para Bibliotecas escolares. 2006. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/school.../school-libraryguidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

KLEIMAN, Ângela B. MORAES, **oficina de leitura: teoria e prática**. 4ª ed. Campinas – SP: Pontes, 1996.

LAKATOS. Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. Ed. São Paulo – SP: Atlas, 2006

SILVA, Ezequiel Theodoro de **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia a leitura**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LAJOLO, Marina. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Àtica, 2006

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense. 2005.

MAMEDE, Kedna Kiss de oliveira. **Biblioteca Escolar e seu papel no incentivo à leitura**. 2013, Trabalho de conclusão de curso (monografia) Universidade Federal da Paraíba, 2013.